

Nós do Movimento

Espírita

por

Ana Lúcia Gobbi Cavalcanti

Nós do Movimento Espírita**

Um passeio pela Idade Média observando sua
correlação com o Movimento Doutrinário
Espírita.

Por

Ana Lúcia Gobbi Cavalcanti*

*Ana Lúcia Gobbi Cavalcanti, formada professora pelo curso de magistério no Instituto de Educação Deputado Luiz Pinto, graduada em Letras e pós-graduada em Psicopedagogia pela Fundação Dom André Arcoverde, hoje UNIFAA. Com vários livros já publicados de sua autoria, o romance *A preferida* e os infantis *Histórias de Ana Lúcia*, *As aventuras do Dr. Psigrilo* e *O Segredo da Luz*, pela Editora EME e o romance *Lição de Honra* pela editora Mythos Books; tendo participado de uma das coletâneas de textos sobre sua cidade natal, Valença. Ana, também, cursou Reiki e florais.

**Edição reeditada em outubro de 2020 com seus direitos reservados à autora.

Tudo me é permitido,
mas nem tudo me convém.

I Coríntios 6:12

Agradecimento

Meu muito obrigada a Deus, a Jesus e, também a todos os amigos encarnados e desencarnados que participaram deste trabalho pelo amor, pela confiança e estímulo constantes.

Primeiras Palavras

Era noite do dia 26 de maio do ano 2000. Estávamos na casa de uma família espírita com a qual mantemos uma bonita amizade que nos aquece o coração. Em determinada hora, um dos presentes sentiu a presença de um grupo de espíritos que para a nossa surpresa, deu-nos uma linda, mas difícil tarefa. Aconselhavam-nos escrever um paralelo entre a Idade Média e o movimento espírita, com base no Sermão do Monte.

Grande foi o nosso espanto, primeiro por achar que nossos conhecimentos não eram suficientes para tal trabalho e depois por achar que a Idade Média nada teria a ver com o movimento espírita que surgiu muito tempo mais tarde. Os amigos espirituais disseram para que nada temêssemos, pois durante o sono receberíamos orientações e tudo chegaria às nossas mãos na hora certa. Quanto à disparidade dos temas esclareceram que muitos de nós, militantes do movimento espírita, estivemos reencarnados na Idade Média, e precisamos ser alertados para que desta vez não cometamos os mesmos erros daquela época distante. Mais confiante, começamos a pesquisar em vários livros de História, consultamos confrades espíritas e passamos ao estudo do Sermão do Monte que é sem dúvida o maior código de Ética da Humanidade. Vale lembrar que muito antes de receber esta tarefa, a Espiritualidade, através de uma psicografia, nos aconselhou meditar sobre esta passagem do Evangelho, já visando talvez a nossa preparação para este trabalho.

Sabíamos ser uma empreitada difícil, mas não impossível. Então, com muito esforço e carinho escrevemos essas páginas que agora passamos às suas mãos, prezados companheiros de ideal. Que elas possam nos fazer refletir sobre nosso procedimento em relação a Doutrina, aos companheiros da Casa Espírita, aos militantes de outros credos e, enfim, à Humanidade inteira que, lembremos ou não, é a nossa grande e eterna família.

Que Jesus nos abençoe agora e sempre.

Valença, 1º de fevereiro de 2001.

Ana Lúcia Jobbi Cavalcanti

Introdução

Já que pretendemos fazer um paralelo entre a Idade Média e o movimento espírita, precisamos primeiramente saber um pouquinho sobre aquele Longínquo período da História, não é mesmo?

Ele teve início no ano 476, com a queda do último imperador romano e se estendeu até 1453, quando a cidade Constantinopla foi conquistada pelos turcos. Costuma-se dividi-lo em dois períodos: o primeiro, do século V até o final do século XI, chamado Alta Idade Média, e o segundo do século XII até XV, chamado Baixa Idade Média.

Já houve tempo em que se acreditava ser aquele período a Idade das Trevas e que nada ou quase nada de bom poderíamos tirar dele, que não havia existido progresso da Humanidade. Mas sabemos que em tudo existe uma lição e que se foram muitos os erros, é por que estávamos usando nosso livre arbítrio. Sendo assim, não podemos reclamar das consequências de nossos atos passados que agora nos atingem. Também não podemos nos esquecer de que Deus tudo vê e provê, que Nosso Irmão Jesus tem sabedoria para governar os destinos do planeta sem desrespeitar nossa liberdade de escolha e que todos os aparentemente inocentes, que sofreram qualquer violência na época estavam resgatando faltas pretéritas ou passando por provas, na maioria das vezes escolhidas por eles mesmos, visando a própria evolução e dos que os rodeavam. Mas é lógico que não era preciso que nós violássemos as leis divinas para que nossos irmãos passassem por expiações e provas. Para que alguém se harmonize com as leis do Pai, ninguém precisava se comprometer com estas mesmas leis. O Criador apenas tira do mal um bem na Sua infinita perfeição.

Queremos também deixar bem claro que não é nosso intuito atacar nenhuma crença religiosa. Sabemos que em todas existem pessoas sinceras que estão à procura de Deus, do amor, e que devemos respeitar todas as religiões e seitas como gostamos que respeitem a Doutrina Espírita. Apenas comentaremos fatos históricos já registrados em livros e do conhecimento geral. Não é nossa intenção generalizar, e muito menos denegrir quem quer que seja. Somos todos

irmãos, em estágios diferentes de progresso e cada um de nós tem uma visão muito particular do mundo e das coisas. Também nós, espiritas, erramos, apesar da quantidade de esclarecimentos e informações que já recebemos, por ainda estarmos muito longe da perfeição.

Precisamos explicar que os acontecimentos históricos citados não estarão necessariamente em ordem cronológica. Fomos revirando o baú da História e “pinçando” apenas aquilo que seria base para nossa modesta reflexão sobre o movimento espírita.

Apresentaremos ainda ao longo do trabalho fragmentos do Sermão do Monte narrado pelos evangelistas Mateus e Lucas que servem de confirmação às nossas conclusões e comentários.

Temos certeza de que assim como nós, os irmãos que lerem estas páginas vão se surpreender com os muitos pontos, que ligam a Idade Média ao nosso querido movimento doutrinário. Então?! Vamos começar?

Capítulo I

***B**em-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o Reino dos Céus (Mateus, cap. 5, v.3).*

Na Idade Média, a Igreja teve um destaque que não se repetiu em nenhum outro momento histórico. O poder político confundiu-se com a religião de tal forma que Gregório I se aproveitou da falência do poder imperial na península Itálica, onde não havia governante, para assumir o poder temporal (basicamente exercido pelos reis) na região.

No que toca aos bens materiais, ela nunca havia acumulado tanto. Os fiéis visando ganhar o tão sonhado paraíso após o decesso físico, faziam doações vultosas de terra e dinheiro, além dos tributos que cobrava dos servos nos seus gigantescos feudos. E numa época em que a base da riqueza era a terra, calcula-se que a Igreja chegou a possuir mais de um terço das terras cultiváveis da Europa, tornando-se rica e poderosa, porque além das posses materiais, oferecia, segundo ela, a salvação a seus seguidores.

Diz-se que toda esta riqueza e poder foi motivo de muitos erros cometidos por vários de nós que estávamos na carne naquele tempo, coisa que não estranhamos, pois se agora ainda vacilamos, imaginemos quando éramos muito menos evoluídos! E este nosso procedimento comprometeu o trabalho que estava

reservado aos católicos executar. Fechados em nossa vaidade e egoísmo prejudicamos o trabalho da equipe que poderia ter feito muito mais pela Humanidade. Mas a sabedoria Divina sempre nos protege e houve um grupo que perseverou e fez um bom trabalho, impedindo que todo o clero se estagnasse no culto das facilidades e prazeres imediatos. Eles resolveram unir-se em diversas ordens e não ficaram apenas no palavrório partindo para ação junto aos necessitados. Instruindo os camponeses na prática da agricultura, contribuíram para a recuperação de terras que haviam sido devastadas por invasões, e para a formação de aldeias e vilarejos. Fundaram e mantiveram orfanatos, hospitais, leprosários, asilos e escolas.

É certo que hoje, com orientação da Doutrina Espírita, há muitos pontos das regras seguidas por eles que apesar de discordar, respeitamos, mas o desejo de praticar a caridade é um ponto comum entre os monges e freiras daquele tempo e nós, militantes do movimento espírita. Que façamos o bem ao próximo não para ficarmos em evidência, mas para vermos os outros felizes. Que nossa boca só se abra para dizer palavras de amor e esperança. Que nossos braços só movam para trabalhar pelo progresso do mundo em que vivemos. Que nossa Casa Espírita seja um recanto de paz e consolação, de trabalho e amor. Que todos que nela cheguem possam sentir a presença do verdadeiro presidente que é o Cristo, pois sob sua orientação é que devemos trabalhar, procurando seguir Seus passos, mesmo que ainda lentamente. Que nos preocupemos muito mais com o bem que possamos realizar no Centro Espírita do que com detalhes supérfluos de arquitetura e mobiliário.

Evitemos também ao máximo o comércio na Casa de Oração. Bem sabemos que é necessário angariar fundos, mas procuremos abolir as rifas, bingos e seus pares. Usemos a criatividade, fazendo com que todas as promoções deixem um ensinamento doutrinário dos frequentadores. E para que nosso trabalho seja transparente, prestemos contas periodicamente do que fizermos com os recursos recebidos. Que todo serviço prestado seja gratuito. Que nenhum irmão se sinta constrangido a doar ou comprar alguma coisa, para que nunca se acanhe em voltar ao Centro Espírita. Que o novo companheiro de jornada seja sempre recebido com um sorriso fraterno e receba a maior atenção possível, mesmo quando estivermos com pressa.

Façamos grande esforço para que os ensinamentos do Mestre saiam da Casa de Oração e contagiem toda a Humanidade.

Nunca levemos os enganos dos homens para o nosso local de trabalho e estudos cristãos, sem esquecermos, é claro, de que podemos e devemos ser cristãos também fora da Casa Espírita que nos acolhe. Por isso sejamos rigorosos com nós mesmos. Tenhamos cuidado na organização de confraternizações e “festas”, jamais permitindo a ingestão e venda de bebidas alcoólicas, fumo, músicas e danças que não tragam elevação espiritual, pois no passado já caímos neste erro e hoje estamos aqui para corrigi-lo. Apesar de, pela misericórdia do Pai, não nos recordarmos de tempo em que grande parte de nós estivemos na carne, durante e até antes da Idade Média, os relatos históricos nos contam que no dia 13 de junho de 313, através do Edito de Milão, o imperador Constantino passou o Cristianismo para o Estado, adaptando-o ao paganismo romano, incorporando o uso da cor vermelha, do incenso etc., desvirtuando perigosamente a Doutrina trazida pelo Amado Mestre. Não permitamos que isto aconteça novamente! Preservemos o Espiritismo! Estejamos abertas a fim de frustrarmos estes desvios no nascedouro para que todo o trabalho feito por Kardec, pela Espiritualidade e pelos espíritas de boa vontade (classe, esta, a que todos nos esforçamos para pertencer) não seja prejudicado e exija muito tempo para ser restaurado.

Capítulo II

*F*elizes os que estão aflitos, porque eles serão consolados (Mateus, cap. 5, v. 4)

Num planeta de expiações e provas, como ainda é o nosso, em todas as épocas, sempre houve aflitos. Não por castigo do Pai que nos dá constantemente o melhor para nossa evolução, mas por nossa insistência em ignorar a lei de causa e efeito que funciona tanto para os atos bons como para os maus, e na Idade Média não foi diferente. A expansão das áreas cultivadas da Europa Ocidental atingiu seu limite. Tornaram-se cada vez mais raras as terras de boa qualidade, enquanto a ocupação de solos menos férteis tinha como consequência a diminuição do nível da produtividade de alimentos. Além disso, nas primeiras décadas do século XIV, várias regiões europeias tinham sofrido grandes perdas agrícolas por causa das condições climáticas desfavoráveis e das técnicas inadequadas de cultivo.

A perda trágica de colheitas ocasionou escassez de alimentos em várias regiões, ficando o abastecimento prejudicado de 1315 a 1346, 1362, 1374 e 1438. Houve o desencarne de milhares de pessoas devido à fome e um outro número sobreviveu em estado de subnutrição grave, não tendo recursos para adquirir sua alimentação pela alta dos preços decorrentes dos baixos índices de produção. O

povo foi se enfraquecendo e grande parte dele ficou vulnerável às moléstias contagiosas como a Peste Negra (1347-1350), epidemia trazida do Oriente por um navio genovês contaminado. O índice de mortalidade foi elevado demais e como não se conhecia nenhum remédio para o mal, os doentes eram isolados para evitar o contágio.

Estima-se que um terço da população europeia voltou à Espiritualidade. Muitos interpretaram o fato como sinal da ira Divina, anunciando o fim dos tempos, mas hoje, com a evolução da Humanidade e com a codificação da Doutrina Espírita, este pensamento não pode mais ter expressão entre nós. Foram, como já sabemos, expiações do passado ou provas visando, em ambos os casos, o crescimento espiritual dos envolvidos. Sabemos também que, bem perto de nós, é possível encontrar muitos aflitos e que Deus socorre Seus filhos através de Seus próprios filhos, que temos um campo enorme de trabalho, muitas vezes até em nosso próprio lar. Não vacilemos mais! Um minuto é muito tempo para quem sofre e também pode ser um bom tempo para quem quer ajudar. O verdadeiro cristão sabe o quanto pode fazer, por um irmão. Ajudar não é um, incômodo e sim uma bênção. Não permitamos que o “solo” do nosso coração torne-se pouco fértil como as terras europeias na Idade Média. Usemos as técnicas adequadas de cultivo, que nada mais são que os ensinamentos de Jesus, para que não percamos a colheita da felicidade e da consciência tranquila. Por que adiar este momento, se ele há de chegar mais cedo ou mais tarde? Deixemos florescer em nós sem demora, a caridade, o perdão, a fé, enfim, o amor incondicional exemplificado pelo Mestre, pois assim construiremos o “novo mundo” que desejamos e só ele poderá curar as mazelas de nossa alma que têm matado tantos dos nossos atos de bondade ainda na sementeira.

Naquele período da História, de acordo com a justiça do Pai ricos e pobres estavam sujeitos à visita da morte do corpo físico e também, daqui a pouco, todos nós, espíritas ou não, estaremos sujeitos a ter que deixar a Terra quando esta for elevada à categoria de mundo regenerado, e estagiar em um orbe ainda de expiações e provas. O que é muito justo, pois não seria direito ficarmos aqui atrapalhando a evolução do planeta e fazendo muitos irmãos sofrerem ao conviver com nossas imperfeições. Não esperemos mais! O tempo urge e o Cristo já espera pela nossa reforma há muito tempo!

Capítulo III

*F*elizes os humildes, pois eles herdarão a Terra (Mateus, cap.5, v.5).

Filho de um rico comerciante de tecidos e de uma dama da nobreza, Francisco Bernardone nasceu em 1182, numa pequenina cidade da Itália chamada Assis.

Aos 14 anos, já trabalhava com o pai, participava de festas, torneios, e o seu maior sonho era o de tornar-se cavaleiro.

Passaram-se poucos anos e ele começou a realizá-lo, fazendo-se escudeiro de um nobre e engajando-se na luta entre a cidade de Assis e de Perusa.

Ficou gravemente enfermo pouco tempo após completar 20 anos, e, refletindo sobre sua vida, decidiu dividir seus bens com os pobres, logo assim que vencesse a doença, entregando-se à meditação.

Indignado com essa atitude do filho, o pai de Francisco processou-o, exigindo de volta o dinheiro que ele doara aos necessitados. E para a surpresa de

todos, no tribunal, ele simplesmente renunciou à polpuda herança a que tinha direito e afirmou sua intenção de dedicar-se aos pobres e leprosos.

A partir daquele dia, o chamado “Pobrezinho de Assis”, passou a levar uma vida humilde e totalmente voltada para a caridade.

Logo um grupo de jovens decidiu seguir seu exemplo e em 1209, Francisco escreveu para eles uma regra, que tinha como princípios básicos a pobreza e a humildade. Era o início da Ordem dos Franciscanos. No ano seguinte, a ordem foi aprovada pelo papa Inocêncio III.

De acordo com seus biógrafos, o amor de Francisco não conhecia limites: Doentes ou sadios, bandoleiros ou honrados, cristãos ou muçulmanos, ricos ou pobres, todos eram seus irmãos.

Considerava-se também irmão do sol, da terra, da água, das estrelas, das árvores, das plantas e dos animais por tudo ser criação de Deus, nosso Pai.

Desencarnou em 1226 e sua vida, no entanto, continua inspirando gestos de amor ao próximo e de respeito à natureza.

Sem esquecermos, é claro, dos óbvios pontos discordantes entre ambas as doutrinas, sigamos, então, nós, espíritas, este modelo; nunca permitindo que a humanidade esteja longe de nosso modo de ser e agir. E apesar de sabermos que o espiritista evita preces prontas, pois aquelas saídas do coração, no calor da hora, são geralmente mais sinceras e têm mais sentimento, atingindo assim seu objetivo que é o intercâmbio com o Criador, transcrevemos aqui a Oração de Francisco de Assis, não para ser memorizada, mas para mostrar o grande amor que abriga no coração este nobre espírito.

“Senhor!

Faze de mim um instrumento de tua paz!

Onde houver ódio, faze que eu leve o amor.

Onde houver ofensa

_que eu leve o perdão,

Onde houver discórdia

_que eu leve a união,

Onde houver dúvidas

_que eu leve a fé,

Onde houver erros

_que eu leve a verdade,

Onde houver desespero

_que eu leve a esperança,

Onde houver tristeza

_que eu leve a alegria,

Onde houver trevas

_que eu leve a luz!

Ó Mestre! Faze que eu procure mais consolar, que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado...

Pois:

É dando que se recebe,

É perdoando que se é perdoado,

E é morrendo que se vive para a Vida Eterna.”

Irmãos, ao participarmos da diretoria de uma Casa de Oração, estejamos conscientes de que apenas colaboramos para o bom andamento da mesma, mas que não somos patrões e muito menos donos do Centro. Em qualquer função que desempenharmos, lembremo-nos sempre de que o comando é de Jesus e apesar de termos boa vontade, ainda somos por demais imperfeitos e capazes de cometer muitos enganos. Portanto, sejamos humildes, mas que fique bem claro que humildade não é subserviência, bajulação, e sim a consciência de que somos irmãos, não perfeitos, mas perfectíveis e que se temos os mesmos direitos, em contrapartida, temos os mesmos deveres. Que não nos cabe julgar ninguém, pois esta é tarefa de Deus. Que o destaque deve ser para o Evangelho, para a Doutrina, e não para individualidades, pois o Cristo que por excelência o merece, jamais fez

promoção de suas virtudes e nunca as colocou em evidência. Trilhemos Seus passos! Aprendamos a trabalhar em equipe sem querer aparecer mais que os companheiros. Disseram uma vez que “nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos.” O próprio Mestre à toda hora solicita nossa ajuda para a construção de um mundo melhor, dando-nos o ensinamento de que nenhum espírito é uma ilha e que todos nós precisamos da cooperação dos outros para alcançarmos os objetivos divinos traçados para nós.

Que a tribuna e a imprensa não sejam um palco para a exibição de nossos conhecimentos doutrinários e sim um lugar onde abramos nossos corações para compartilhar experiências e para aprender através da Codificação Kardequiana o melhor jeito de se viver. Que nossa palavra nunca fira e seja sempre um bálsamo aliviando a dor daqueles que forem nos ouvir ou ler. Que nossa vaidade diminua a cada dia e entendamos, que dos leitores e dos presentes à nossa exposição, é para nós que falamos primeiramente. Que devemos ser os primeiros a seguir aquilo que pregamos. Que nossas palavras só convencerão se forem confirmadas pelos nossos atos, pois de nada adianta ensinarmos o que não nos esforçamos para seguir. Lembremos todo o tempo de que devemos dar realce ao Espiritismo e não à nossa erudição e quaisquer títulos que possamos ter. Somos apenas um irmão que está naquela oportunidade expondo os ensinamentos do verdadeiro Mestre que é Jesus e tendo a oportunidade de analisá-los com um grupo que tem o mesmo ideal.

Esqueçamos, também, as críticas ácidas, substituindo-as por conselhos fraternos e as discussões improdutivas e descaridosas por conversações sadias e esclarecedoras. E aí, quando formos substituídos nas tarefas da Casa Espírita, pois isto fatalmente acontecerá, pelo nosso desencarne ou por outros motivos, deixemos um grupo de irmãos que nos ame e partamos para novas tarefas com um rastro de luz que reflita a beleza da Doutrina que seguimos e queremos de todo o coração.

Capítulo IV

*F*elizes os que têm fome e sede de retidão, porque serão saciados
(Mateus, cap. 5, v.6).

Na Idade Média, a Questão das Investiduras, referiu-se ao problema de a quem caberia o direito (ao Papa ou ao imperador) de nomear sacerdotes para cargos eclesiásticos. As raízes desse conflito remontavam a meados do século X, quando o imperador Oton I, do Sacro Império Romano Germânico, iniciou um processo de intervenção política nos assuntos da Igreja a fim de fortalecer seus poderes. Assim, o imperador fundava bispados e abadias, nomeando seus titulares, e em troca da proteção que concedia ao Estado da Igreja passava a exercer total controle sobre as ações do Papa. Durante esse período, a Igreja foi contaminada por um clima crescente de corrupção, afastando-se de sua missão religiosa e, com isso, perdendo sua autoridade espiritual. Mas em 1073, o Papa Gregório VII tomou uma série de medidas que julgou necessárias para recuperar a moral da Igreja.

Nós também, militantes do movimento espírita, devemos estar atentos, para que cumpramos com retidão e dignidade nossos compromissos assumidos

com a Casa Espírita e principalmente, com Jesus. Não aceitemos uma tarefa apenas por achá-la importante, bonita, ou para nos destacarmos em nossa comunidade. Abracemos as tarefas de todo o coração e nos esforcemos ao máximo para realizá-las da melhor maneira que nossa evolução permita, pois o fato de não sermos remunerados materialmente, não significa que podemos negligenciar nosso trabalho. Não nos esqueçamos de que os momentos de paz desfrutados ao lado dos companheiros e encarnados e os do Plano Espiritual não têm preço. Isto sem falar da bagagem de experiências enriquecedoras que conquistamos a cada dia na seara cristã. Portanto, cumpramos nossa palavra empenhada e sirvamos até além do que nos propomos, porque nunca teremos prejuízo, já que na matemática do amor só há o lucro de sentir-se feliz ao ver os outros felizes.

Não deixemos que a preguiça nos domine nem que o cansaço nos abata. Cumpramos nossos horários disciplinadamente e não faltemos aos compromissos, pois podemos enganar a todos, menos a Deus, a Jesus e a nós mesmos. Sabemos quando estamos sabotando o trabalho e por mais que arranjemos desculpas, temos a consciência de que poderíamos ter feito melhor. Peguemos no arado e sigamos adiante animados e resolutos!

Também não tenhamos medo. No ponto em que não consigamos avançar mais, o Pai fará o resto, suprimindo nossas deficiências, se realmente estivermos dispostos a servir a Deus e não aos caprichos pueris que ainda existem dentro de nós.

Irmãos, um dos maiores tesouros que o espírito pode ter é a consciência tranquila. Nem o dinheiro, nem a projeção social e nem os efêmeros prazeres físicos podem suplantar esta serenidade que nasce naqueles que cumprem retamente o seu dever, sem lograr aplausos e agradecimento. E esta paz só depende de cada um. Ninguém pode construí-la por nós, pois ela deve ser fruto do nosso trabalho, do nosso estudo e do nosso amor constantes e sinceros. Podemos receber estímulos e ajuda dos que já a alcançaram, mas erigi-la dentro do ser é tarefa nossa, é árdua, bem o sabemos, mas necessária, ou melhor dizendo, imprescindível para que alcancemos a felicidade tão almejada pelos homens da Terra.

Se as coisas do mundo nunca tomarem o lugar das coisas de Deus em nossa vida, seremos saciados, não tenhamos dúvidas, pois cumprindo nossa parte com lealdade aos ensinamentos cristãos, receberemos do Criador as bênçãos da paz no mundo e da evolução tranquila, sem grandes tropeços e conseguintemente muito mais rápida. Portanto, sejamos íntegros e felizes!

Capítulo V

*P*orque vês uma pequena lasca de madeira no olho do teu irmão não reparas na viga que está em teu olho? (Mateus, cap. 7, v.3)
“Pois com o juízo que julgeis sereis julgados; e com a medida com que medis, vos medirão” (Mateus, cap. 7, v.2).
“Não julgeis, para que não sejais julgados; não condeneis, para que não sejais condenados. Absorvei, e sereis absolvidos” (Lucas cap. 6, v.36).
“Felizes os misericordiosos, pois eles encontrarão misericórdia” (Mateus, cap. 5, v.7).

Desde quando começou a se afirmar na sociedade romana, a Igreja preocupou-se em definir os dogmas do Cristianismo, isto é, os pontos da doutrina cristã considerados indiscutíveis. Mas, com o correr do tempo, foram surgindo ideias que contrariavam alguns destes dogmas, como o arianismo que defendia ser Jesus inferior a Deus, pois fora criado por Ele, o nestorianismo, o monofisismo e outros sobre os quais não entraremos em detalhes por não ser esta análise o objetivo do presente trabalho. Tais ideias foram chamadas de heresias e os seus defensores receberam o nome de hereges.

Em 1184, aconteceu a excomunhão dos valdenses; grupo que seguia Pedro Valdo, um rico comerciante que distribuiu suas propriedades aos pobres e dedicou-se a pregar o Evangelho. Defendia a renúncia dos bens terrenos, rejeitando a autoridade do Papa e o culto dos santos, sustentando ainda que para conseguir a salvação, bastava praticar os ensinamentos da Bíblia. Neste mesmo ano, a Igreja Católica, reunida no Concílio de Verona (Itália), instituiu o Tribunal do Santo Ofício. Consolidado em 1231 com o Papa Gregório IX, era um órgão permanente de investigação e combate às heresias que durou até 1834, punindo-as severamente, quase sempre com o sacrifício dos hereges no garrote vil (pau curto com que se apertava a corda do enforcado, estrangulando-o sem suspensão do corpo) ou na fogueira. Para se ter uma ideia, aquele que pronunciasse “Que o diabo me leve!” poderia arder nas chamas, pois a Igreja condenava quem invocasse o nome do diabo ou quem usasse meios ainda desconhecidos para curar doentes.

Os condenados também poderiam receber outras penas como: jejuns, perda total dos bens ou prisão. Aqueles que teimavam em continuar defendendo suas ideias eram entregues à justiça dos reis e, geralmente, acabavam condenados ao fogo.

A Espanha, tristemente, foi o cenário maior das atrocidades inquisitoriais. Os Reis Católicos, usavam-na largamente como instrumento político de unificação.

Por mais de seis séculos, a terra presenciou enormes crueldades, quando muitos foram julgados e condenados por um grupo de pessoas, do qual grande parte de nós infelizmente fazia parte, grupo este que ainda não tinha evolução bastante e discernimento para saber o que era certo e o que era errado, que não se esclarece e nem se educa através da violência e do preconceito, mas sim através do amor pois só ele “constrói para a eternidade.”

Portanto, lembremo-nos sempre de que o espírita é o irmão que ampara e orienta, nunca o juiz que condena e exclui. Sabemos que no Centro, ou mesmo em outros lugares, seremos procurados por irmãos envolvidos na rede dos vícios ou que têm uma visão de vida diferente da nossa. Em quaisquer destas circunstâncias, tenhamos primeiramente uma atitude de acolhida para que eles se sintam aceitos e à vontade, pois convenhamos que ninguém ao procurar-nos

espera ser criticado, rejeitado ou excluído, mas sim ser ajudado. E o fundamental, nestas horas para eles, é sentirem-se amados, pois muitas vezes “esperamos que as pessoas sejam boas para amá-las, enquanto elas esperam o nosso amor para serem boas.”

Nunca nos esqueçamos de que a Casa é do Cristo e recebamos todos esses irmãos de braços abertos, desprendendo-nos dos antigos hábitos que adquirimos na longínqua Idade Média, pois uma recepção fria pode afastar aqueles que estão querendo melhorar, talvez mergulhando-os ainda mais nas angústias que os atormentam. E aí sim, depois de recebê-los bem, como se deve receber todos os irmãos, vamos, de acordo com seu nível de assimilação, transmitindo os conhecimentos doutrinários e as orientações pertinentes ao problema de cada um com muito cuidado e carinho pois “quem ensina sem ferir, merece ser escutado.”

Alertando constantemente, mas sem ofender ou acusar, teremos sucesso na empreitada, por estarmos agindo como o Cristo nos ensina no episódio da mulher adúltera (João, Cap. 8, v.3 a 11).

E mais além, aos sinais de reabilitação e percebendo a boa vontade dos novos companheiros, por que não começarmos a introduzi-los nos trabalhos do Centro Espírita? Obviamente começarão com as coisas mais simples e depois, de acordo com o desempenho, receberão serviços mais complexos, e de maior responsabilidade. Isto os ajudará a vencer com mais segurança suas imperfeições. É um direito deles e nosso também militar no movimento espírita, a única diferença é que os deslizes deles são às vezes mais visíveis do que os nossos, o que não quer dizer que não estejamos igualmente comprometidos com as leis Divinas. Não nos enganemos, irmãos! Num planeta de expiações e provas é raro encontrarmos espíritos superiores encarnados e de uma forma ou de outra, todos lutamos com nossos defeitos e ainda muitas vezes por imprudência e imprevidência não atendemos ao doce chamamento de Jesus.

Lembremo-nos sempre de que o mundo não precisa de inquisidores e sim de verdadeiros cristãos.

Capítulo VI

*F*elizes os puros de coração, porque eles entenderão Deus (Mateus, cap. 5, v.8).

Durante a Idade Média, muitos cristãos europeus, movidos por um desejo de purificação, faziam peregrinações à Palestina, a Terra Santa onde Cristo nasceu, viveu e foi crucificado.

No ano 1071, porém, a Palestina foi conquistada pelos turcos de religião muçulmana, que proibiram as visitas ao Santo Sepulcro, passando, segundo se conta, a maltratar os peregrinos.

Ao saber disso, o papa, Urbano II compareceu ao Concílio de Clermont (1095) e, com um discurso veemente, pediu aos cristãos fazerem guerra a fim de reconquistarem a Terra Santa.

Eis aqui um trecho da palavra do Sumo Pontífice:

“Uma vez que a terra que vós habitais, fechada de todos os lados pelo mar e circundada por picos de montanhas, é demasiadamente pequena para a vossa grande população, sem que riqueza abunde, mal fornecendo o alimento necessário aos seus cultivadores (...), tornai o caminho do Santo Sepulcro; arrebatadi aquela terra à raça perversa e submetei-a vós mesmos. Essa terra em

que, como diz a Escritura, jorra leite e mel, foi dada por Deus aos filhos de Israel. Jerusalém é o umbigo do mundo; a terra é mais que toda frutífera, como um novo paraíso de deleites.”

Assistiam-no prelados, barões e cavaleiros.

Ouvindo o Papa, levantaram-se em uníssono: “Deus assim quer.”

Surgiram, então, as Cruzadas. E entre os séculos XI e XIII, milhares de pessoas de diferentes idades, origens e condições sociais deixaram a Europa em expedições sucessivas, a caminho de Jerusalém, na Palestina.

Em comum, tinham o fato de pensar que agiam em nome do Cristo e de possuírem uma cruz de pano nas suas roupas e bandeiras. Daí chamarem-se Cruzadas tais expedições.

A guerra seria santa: libertariam Jerusalém e, de quebra, iriam usufruir da maravilhosa opulência do Oriente... Seria mesmo esta a vontade do Pai Criador?

Foram nove Cruzadas ao todo, só conseguindo dominar Jerusalém por pouco tempo. E apesar de terem sido importantes no ponto de vista econômico, social e cultural, houve muito sangue e violência, fugindo totalmente da proposta da Boa Nova.

E nós? Estamos fazendo o que realmente Deus quer ou estamos tão equivocados quanto os cristãos daquela época? Quem sabe estávamos até no meio deles? Quantas vezes, hoje, em nome Dele, fazemos exatamente o oposto de Sua vontade? Limpemos o coração com a água pura que brota da fonte inesgotável que é o Evangelho de Jesus. Não percamos tempo com coisas sem importância para nossa evolução em detrimento daquelas que são indispensáveis. Fazer peregrinações à Palestina sem caminharem dentro do próprio ser a fim de encontrar e eliminar tudo aquilo que os afastava do amor verdadeiro, não adiantaria nada aos cristãos da idade medieval. E também não adiantará nada para nós, usar o rótulo de espíritas, participar de encontros e estudos, se não tentarmos colocar em prática tudo que aprendermos. Mas tentar com vontade, com perseverança e de coração.

Não deixemos que as trevas que existam em nós fujam das claras advertências do Messias e nem tentemos sufocar estas luzes com as nuvens

tempestuosas do nosso íntimo, fazendo adaptações e concessões absurdas com o intuito de transformar a Doutrina para que não nos transformemos. Saiamos da ilusão e comecemos a ação! Todo lugar da Terra é santo, porque foi criado por Deus e não se deve ser espírita só dentro da Casa de Oração. Deixemos de nos preocupar com detalhes insignificantes em nossas vidas e caminhemos na trilha que o Nazareno nos traçou.

Façamos, um exame de consciência diário, pois a purificação de nossos corações só acontecerá de dentro para fora. Depois que plantarmos os ensinamentos do Mestre em nosso espírito, tudo o mais virá naturalmente como consequência do crescimento das nossas virtudes; e só assim entenderemos de forma clara os apelos divinos, convictos de que o verdadeiro soldado do Cristo luta sim e arduamente, mas pela sua reforma íntima.

Capítulo VII

*F*elizes os pacificadores, pois eles serão chamados filhos de Deus
(Mateus, cap.5, v.9).

Em 1309, ocorreu grave crise interna dentro da Igreja Católica com a transferência da sede do papado de Roma para a cidade francesa de Avinhão autorizada pelo Papa Clemente V, que, com isso, buscava manter boas relações com o rei Felipe IV, da França, e fugir das perturbações políticas que agitavam a Itália.

As insatisfações dentro da Igreja acumularam-se, culminando com o Grande Cisma do Oriente (1378 a 1417), quando a Igreja, dividida em dois grandes grupos, passou a ter dois Papas, um sediado em Roma e o outro em Avinhão. Somente em 1418, com o Concílio de Constância é que a Igreja recuperou a sua unidade, elegendo um novo Papa (Martim V), que de Roma comandaria a cristandade católica.

Meditemos sobre este fato e nunca permitamos que o movimento espírita se fracione por divergências de opiniões. Logicamente, não seremos coniventes com o erro, mas nós, cristãos, sabemos que temos o dever de ser pacientes, humildes e de procurar sempre a união e nunca a separação. Nos casos em que a Doutrina explana claramente o assunto não haverá dúvidas, mas naqueles em que

ela, não traz instruções específicas, devemos usar o bom senso lembrando-nos de que o amor deve presidir sempre nossos atos. Se depois de consultar a Codificação, percebermos nosso erro, por que não nos desculparmos com os irmãos de trabalho? A humildade é joia que devemos guardar no coração. Caso um dos companheiros esteja errado, alertemo-lo como irmão amoroso e nunca como censor, de preferência mostrando a comprovação nas obras que consultamos e caso a questão fique por conta do bom senso, reunamo-nos fraternalmente e conversemos, sem jamais brigar, para que cheguemos à melhor solução para o impasse. E se depois de tudo isso, alguém do grupo, ou até mesmo o grupo todo insistir no erro, teremos o direito de não participar da empreitada, mas não estaremos com razão ao denegrir o trabalho alheio ou ao cortar relações com os companheiros. Evitemos o melindre e continuemos, sempre que possível, a frequentar a Casa de Oração com um sorriso amigo e sincero para aqueles que não concordarem conosco. Pois, afinal, eles têm o direito às convicções deles como nós temos direito às nossas. Caso algum deles fique melindrado conosco, acabemos com o mal-estar no nascedouro tratando-o com a simpatia costumeira e oremos por todos eles, pois mais cedo ou mais tarde responderão pelos maus atos que praticarem em nome do Cristo. E quando este dia chegar, deveremos estender-lhe nossas mãos para ajuda-los a se reerguerem, porque, muitas vezes também já caímos e o Mestre que nos ajudou no passado, vai ajudá-los igualmente com seu infinito amor. E nunca nos esqueçamos de que o Espiritismo é fonte pura de luz, mas que os homens ainda são falíveis e que não existe por aqui donos da verdade. Portanto sejamos vigilantes, pois o movimento espírita sempre será o que fizemos dele.

Capítulo VIII

*V*ós sois o sal da terra: porém se o sal se torna insulso, com o que será salgado? Para nada mais serve, a não ser para se jogar fora e ser pisoteado pelos homens (Mateus, cap.5, v.13).

No século VI, de conformidade com as deliberações efetuadas no plano espiritual, apareceram grandes vultos de sabedoria e bondade, constatando a vaidade orgulhosa dos bispos católicos, que em vez de herdarem os tesouros de humildades e amor do Cristo, reclamaram para si a vida suntuosa, as honrarias e prerrogativas dos imperadores. Os chefes eclesiásticos, elevados à mais alta preponderância política, não se lembravam da pobreza e da simplicidade apostólicas. Surgiram, então, estes espíritos heroicos e missionários que, no anonimato, exerceram a função de novos sacerdotes da ideia sagrada do Cristianismo, conservando-lhe o fogo Divino para as futuras gerações do planeta. Eles, nas suas vestes rotas, atravessaram o mundo distribuindo amor e edificando pousos de silêncio e misericórdia em nome do Cristo. Dentre eles, destacamos os missionários beneditinos cujo esforço abnegado conduziu grande número de coletividades dos povos considerados bárbaros, principalmente os germanos, para as claridades da Boa Nova.

Não deixemos que esta luz se apague e que estas vitórias percam o sabor. Lembremo-nos de que muitos que nos antecederam nesta luta trabalhavam com recursos infinitamente menores que os nossos e conseguiram realizar muita coisa. Por que, então, com tanto progresso, às vezes desanimamos? Olhemos para trás e percebamos o quanto fizeram com quase nada e avaliemos nossas realizações com tantas facilidades disponíveis. Atualmente é muito mais fácil do que naquele tempo. Não sejamos espíritas por convenção e sim por convicção. Quantos de nós já abandonamos tarefas que exercíamos na Casa de Oração ou fora dela sem motivos realmente justos? Perseveremos, irmãos! É lógico que no decorrer do trabalho surjam dificuldades, mas não nos esqueçamos de que os adeptos do Evangelho são o sal da terra e que jamais poderemos perder o sabor. E qual é este sabor? É o entusiasmo, a fé, a alegria de servir, pois o verdadeiro cristão é alegre por saber que onde estiver será sempre maioria graças à sintonia com Deus que tudo cria e tudo comanda.

Jesus não quer ser seguido por uma multidão cabisbaixa, sofredora e desmotivada. Ele quer ver-nos felizes, cheios de vida, amor e de planos tanto para o presente como para o futuro. Utilizando as lições do passado, é claro, mas não nos martirizando pelos erros cometidos e sim reparando-os para nos reequilibrarmos com a Lei Divina. Seguir o Cristo é viver em plenitude e não nos encerrarmos dentro de nós mesmos. “Dificuldades aparecem na vida de todos, a maneira de encará-las é que faz a diferença”, porque todas elas significam crescimento espiritual quando bem aceitas e bem resolvidas por nós. Sabemos que o Mestre nunca nos prometeu recompensas pela inércia e a indolência. Em todas as ocasiões nos alertou sobre o trabalho e o amor ao próximo para a redenção de nós mesmos. Mas realizemos este trabalho tentando sempre o ver como lição de aperfeiçoamento e nunca como um castigo. Apresentemo-nos ao trabalho com boa vontade! Deus e o Cristo nos esperam! Lembremo-nos de que somos o sal da terra que nunca poderá tornar-se insulso!

Capítulo IX

*V*ós sois a luz do mundo, não pode uma cidade sobre um monte ser escondida nem se acende uma lamparina e se a põe sob uma vasilha, mas no candelabro, e brilha para todos que estão na casa. Assim deixai, brilhar vossa luz ante os homens, para que possam enxergar vossas realizações nobres e louvem vosso Pai que estás nos céus (Mateus, cap.5, v. v. 14 a 16).

Em 570, na cidade de Meca, mais um dos enviados de Jesus veio à Terra, desta vez com a missão de reunir todas as tribos árabes sob a luz dos ensinamentos cristãos, de modo a organizar-se na Ásia um movimento forte de restauração do Evangelho, em oposição aos abusos romanos, nos ambientes da Europa. Seu nome era Maomet. Filho da tribo dos Coraixitas, pobre e humilde no começo da vida, que deveria ser de sacrifício e exemplificação, tornou-se rico após o casamento com Khadidja e não resistiu ao assédio dos Espíritos da Sombra, traíndo as nobres obrigações espirituais com as suas fraquezas. Dotado de grandes faculdades mediúnicas inerentes ao cumprimento de seu trabalho, ora as colocava a serviço de seus mentores do Alto, ora as entregava às inferioridades humanas. E por isso há nos seus ensinamentos flagrantes contradições.

Vendo que a conversão do povo não progrediu por meios pacíficos, Maomet passou a pregar a guerra santa-jihah, em árabe. E com o seu regresso à

Espiritualidade toda a Arábia estava submetida à sua doutrina, pela força da espada; mas os seus continuadores não se deram por satisfeitos com semelhantes conquistas. Iniciaram as guerras também no exterior, subjugando toda a África setentrional, no fim do século VII. Nos primeiros anos do século VIII, atravessaram o estreito de Gibraltar, estabelecendo-se na Espanha, em vista da escassa resistência dos visigodos atormentados pela separação, e somente não seguiram caminho além dos Pirineus porque o plano espiritual assinalara um limite ao seu avanço, encaminhando Carlos Martel para as vitórias de 732.

Não caíamos também neste erro, confrades espíritas! Tenhamos o cuidado de expor a Doutrina Espírita sem impô-la a quem quer que seja. Mostremo-la principalmente através do nosso proceder. Entendamos que cada um de nós tem seu momento de despertar para certas verdades, que podemos e devemos ajudar a todos neste sentido, mas sempre respeitando o ritmo e a vontade das pessoas. Afastemo-nos do fanatismo que não sabe o momento certo de agir e põe a oportunidade a perder. Olhemos nossos irmãos de outros credos com amor porque eles são tão filhos de Deus como nós. O fato de já conhecermos o Espiritismo não quer dizer que somos mais evoluídos do que eles, e ter apenas o conhecimento sem prática é uma falta mais grave do que não o vivenciar por insipiência. Martin Luther King já nos disse que “*não há nada mais trágico neste mundo do que saber o que é certo e não o fazer.*” Por isso, acordemos e tenhamos a consciência de que a Humanidade é uma grande e única família. Todas estas separações são temporárias, pois com certeza caminhamos para a união dos homens e não para a desunião. Também nada nos impede de trabalharmos harmoniosamente por um mundo melhor junto com nossos irmãos de outras crenças. Havendo fraternidade e solidariedade, o trabalho será incontestavelmente vitorioso. Com cada grupo respeitando as convicções dos outros, poderemos alcançar objetivos até então nunca sonhados por serem considerados impossíveis.

Também não nos ocultemos, dizendo-nos apenas “simpatizantes” da Doutrina dos Espíritos, com medo de discriminações. Vamos assumir nosso credo, estudando bastante, sem nos esquecermos de aplicá-lo em nosso dia-a-dia, para que ao sermos solicitados por aqueles que não conhecem a Codificação, possamos passar-lhes noções precisas, explicando a eles que o Espiritismo é

Ciência, Filosofia e Religião, enfim, o Consolador Prometido pelo Mestre Jesus. E se eles, mesmo assim, ainda não se tornarem adeptos da Terceira Revelação, não contendamos, pois estaremos conscientes de que fizemos a nossa parte e que Deus, através do tempo e da vida, realizará o que estiver faltando.

Capítulo X

Qualquer um que desfaça de um desses mandamentos por menor que seja, e assim ensine aos homens, será chamado insignificante no Reino dos céus; mas aquele que os pratique e ensine, será chamado grande no Reino dos céus (Mateus, cap.5, v.19).

No ano de 607, o imperador Focas favoreceu a criação do Papado. A decisão imperial facultou aos bispos de Roma prerrogativas e direitos até então jamais justificados. Entronizaram-se, mais uma vez, o orgulho e a ambição da Cidade dos Césares. Em 610, Focas é chamado ao mundo dos espíritos, deixando no planeta a consolidação do Papado. Dessa data em diante, iria começar um período de 1260 anos de amarguras e violências para a civilização que se fundava. O Papado tornou-se obras do orgulho e da iniquidade; mas o Cristo não nos desampara e surgiram, no seio mesmo da Igreja, alguns mestres do amor e da virtude esquecidas pela maioria dos seus componentes. Os irmãos já devem ter reparado que quando ocorre a falência moral de um povo, geralmente são mais vistas e comentadas as falhas dos líderes religiosos e de seus confessos seguidores do que as da população em geral. Isto acontece porque eles se propõem a orientar e conduzir as pessoas até Deus. E quando eles erram, conseqüentemente levam muita gente a cometer os mesmos erros. Meditemos sobre isso e avaliemos a nossa imensa responsabilidade desde o momento em que assumimos ser

espíritas. Seguir o Cristo é coisa séria, pois a todos momentos fazemos a propaganda positiva ou negativa da Doutrina Kardequiana sem nos darmos conta disso. Quantas pessoas podem ter perdido o interesse em conhecer o Espiritismo por causa de nosso mau proceder? Aqueles que não estudam a Codificação acham que ela nos ensinou tudo o que praticamos, e se continuarmos a fazer coisas erradas, remeterão a ela a culpa dos nossos desvios. Nós espíritas, muitas vezes reclamamos de que somos muito cobrados. Mas, é natural que isto aconteça e é muito bom que continue assim, pois nos policiaremos constantemente e, por conseguinte, evoluiremos mais rápido.

É preciso que nossos irmãos ao olharem para nós e para nossa vida encontrem o Messias. Que tipo de discípulos seremos se não seguirmos o nosso Mestre? Que venham as cobranças! Elas nos mostrarão onde estamos falhando e o quanto ainda nos falta para superamo-nos. Aceitemos as críticas amorosas ou ácidas com o mesmo ânimo, pois, na maioria das vezes, não queremos perceber em nós aquelas imperfeições que estão à vista de todos e torna-se necessário que alguém venha nos alertar sobre elas. Não nos sintamos vigiados, pois a nossa maior sentinela é a própria consciência que nos mostra todos os nossos erros no momento em que os cometemos e tantas vezes a ignoramos. Escutemo-la mais e não nos surpreenderão os justos alertas que vieram de fora.

Lembremo-nos sempre de que somos representantes de Jesus em qualquer lugar que estivermos e que devemos honrar o título de cristãos que não nos foi imposto e sim concedido por nossa livre espontânea vontade. Denominação esta que é o maior galardão que um espírito pode receber. Portanto, preservemo-lo para que nós, almas eternas, através do trabalho possamos espalhar a luz que jorra incessantemente de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Capítulo XI

S *seja, contudo, o vosso falar sim, sim, não, não, porque o que daí passa origina-se do mal (Mateus, cap.5, v. 37).*

Segundo as fontes de pesquisas por nós consultadas, João Huss esteve encarnado na Terra de 1371 a 1415, ano de seu decesso carnal.

Ele foi um sacerdote, reformador religioso e escritor tcheco. Reitor da Universidade de Praga, esteve envolvido no movimento nacionalista da Boêmia contra a dominação alemã, atacou os abusos e pregou a completa reforma da Igreja. Negava a necessidade da confissão auricular, atacava como idolatria o culto às imagens, tanto as das virgens quanto as dos santos. Atacava também a infalibilidade papal, o farisaísmo dos prelados vaticanos e a riqueza material que a Igreja avidamente acumulava, convidando-a a voltar à pobreza apostolar.

Compareceu ao Concílio de Constança com seu discípulo, Jerônimo de Praga, teve trinta de suas proposições condenadas como heresias e, apesar do salvo-conduto do Imperador Sigismundo, foi queimado como herege.

Em 6 de julho do ano em que foi levado à fogueira, proferiu antes do suplício estas últimas palavras:

“Tomo Deus por testemunha, _disse ele enquanto as chamas cresciam _ de que jamais ensinei ou escrevi isso de que me acusam os falsos testemunhos. Meus discursos, meus livros, meus escritos, tudo fiz no único pensamento, com único objetivo de libertar as almas à tirania do erro. Eis porque, cheio de energia, assinarei hoje, com meu sangue, essa verdade que ensinei, que escrevi, que publiquei e que é confirmada pela lei divina”.

Passou o olhar pela multidão silenciosa e sorriu com bonomia.

“O ganso, prosseguiu, fazendo alusão ao seu nome, Huss, que quer dizer ganso em boêmio, é um pássaro modesto e que não voa muito alto. Mas virão as aves do alto céu e essas voam muito além das armadilhas dos inimigos...”

Acredita-se que este nobre espírito reencarnou depois, em 3 de outubro de 1804, como Hippolyte León Denizard Rivail, o nosso querido Allan Kardec - o, Codificador da Doutrina Espírita.

Queridos confrades! Sejamos nós também fortes nos momentos de testemunho. Não esperemos que Deus nos conceda privilégios imerecidos e nos dispense do trabalho que ainda nos cabe realizar para nosso próprio progresso, porque isso não seria justo. Já sabemos que ao fazer o bem atenuamos ou evitamos muitos resgates previstos para nós, mas ser bom é nosso dever, pois é a Lei do Universo. Além disso, já recebemos tanto do Pai e temos doado tão pouco, não é mesmo?

Nos momentos difíceis, mais do que nunca, precisamos confiar na Providência Divina e viver tudo o que pregamos aos outros. Sejamos firmes e encaremos as situações com a coragem que deve ter o verdadeiro cristão. Nessas horas é que somos testados com mais eficiência. Não debandemos dando asas às nossas fraquezas. Caso Jesus se negasse ao testemunho, o que seria do Evangelho e de nós? Aguentemos firmes, pois fazer belas palestras é fácil, mas é preciso vivenciá-las para que tenham eco nos corações dos nossos irmãos. Afastemos de nós todos os receios porque quem acredita em Deus não deve ter medo do mundo e sabe que todos os reveses terão resultados positivos no futuro.

Por outro lado, tenhamos também muito cuidado ao transmitir e divulgar a Doutrina Espírita ao nosso próximo. Façamo-lo de maneira clara e precisa para que não plantemos dúvidas, temores e interpretações erradas nas mentes

daqueles que nos ouvirem ou lerem. Pesquisemos e estudemos constantemente, para que nunca passemos uma informação errada adiante. E caso algum irmão chegue até nós com ideias errôneas em relação ao Espiritismo, esclareçamo-lo com paciência, usando o vocabulário que lhe seja mais acessível. Sendo preciso, repitamos a lição quantas vezes forem necessárias para que ele assimile e dissipe suas dúvidas, agradecendo a Deus a oportunidade de sermos úteis àquele irmão ainda equivocado, pois no passado também precisamos que alguém fizesse isto por nós e este ato de amor tanto bem nos trouxe. Por que, então, não fazer o mesmo agora que já sabemos mais um pouquinho sobre as leis Divinas?

Trabalhemos, lembrando-nos de que firmeza não quer dizer rudeza, já que o nosso Mestre por excelência sempre foi firme, mas nunca ríspido ou mal-educado, e seguindo sua trilha de luz e amor não teremos como errar o caminho.

Capítulo XII

***E** ao que pleitear contigo, para tomar-te a túnica, cede-lhe também a capa. E se alguém te obrigar a andar mil passos, vai com ele dois mil (Mateus, cap.5, v. v.40 e 41).*

Durante a Idade Média, no Infinito, em assembleias numerosas, sob a orientação do Cristo, os emissários do Alto organizavam persistentemente novos trabalhos para a evolução dos povos da Terra, apesar da falência de vários espíritos que voltaram ao orbe com sublimes missões, deixando-se deslumbrar pelas riquezas efêmeras, mergulhando no oceano das vaidades, estacionando-se afinal, nos caminhos evolutivos. Todavia, movidas pelas leis do amor que regem o Universo, essas bondosas entidades jamais negaram o seu desvelado concurso a favor do progresso dos povos, procurando aperfeiçoar as almas e guiando os missionários do Cristo através das mais espinhosas sendas.

Por isso, mantenhamo-nos receptivos aos novos companheiros de trabalho na seara espírita. O ideal é que eles se apresentem espontaneamente ao labor cristão, mas para isso é preciso que estejamos abertos a receber novos colaboradores. Não nos cristalizemos em grupos que ninguém, pode ter ideias melhores que as nossas. Aceitemos novos roteiros de trabalho com alegria, sem o receio pueril de que irão tomar nosso brilho, pois o Criador fez de todos nós seres

especiais, cada um a seu modo, e só unidos conseguiremos realizar tudo que desejamos para a nossa evolução e a do planeta que habitamos.

Sabemos, também, que há muita gente que gostaria de participar dos labores da Casa Espírita, mas a timidez os impede de se colocarem à disposição para alguma tarefa. Sendo assim, não nos esqueçamos de fazer convites gerais e periódicos aos irmãos frequentadores do Centro, nas reuniões públicas e de mocidade, expondo a carência de pessoal e quais as atividades em andamento. E caso alguém se apresente para o trabalho num momento em que aparentemente não haja necessidade de novos seareiros, não digamos que o quadro de colaboradores já está completo. Quem sabe Deus o conduzirá até ali por que mais à frente um de nós precisará ausentar-se? A negativa também pode arrefecer o entusiasmo daquele companheiro iniciante e muitas vezes hesitante. Aceitemos sua doação de tempo e boa vontade, entregando-lhe uma pequena tarefa, como assistir o trabalhador que esteja um pouco mais sobrecarregado. Essa modesta função, com certeza, trará muita alegria e estímulo para aquele espírito que mais tarde já estará em condições de arcar com responsabilidades maiores. E caso sejamos a pessoa que trabalhará com esse voluntário incipiente, tenhamos paciência com ele. O que para nós é obvio e simples pode, à primeira vista, ser difícil para o novo companheiro. Tenhamos uma postura de irmão zeloso, nunca de empregador, pois é isto que Jesus espera de nós. Orientemo-lo com carinho, passando-lhe todas as nossas experiências durante o tempo que for preciso, colocando-nos na posição daquele que está aprendendo para entender toda a sua insegurança.

Nunca nos esqueçamos de que na Seara do Cristo sempre cabe mais um e que todo trabalho por mais simples que possa parecer é de grande importância e nos abre as portas do nosso próprio crescimento espiritual e conseqüentemente da nossa tão sonhada felicidade.

Capítulo XIII

Dá ao que te implora, e não voltes as costas ao que quiser lhe emprestes (Mateus, cap.5, v.42).

Já vimos que no período de 1315 a 1438 houve problemas de abastecimento devido a perda das colheitas em várias regiões europeias e que milhares de indivíduos partiram para o invisível devido à fome e outros sobreviveram, porém, desnutridos.

Na Idade Média, mesmo trabalhando de sol a sol, se a colheita, fosse insuficiente, o camponês poderia desencarnar de inanição. Alimentavam-se de pão preto, verduras e sopa. Carne, só se ousasse desafiar as leis do feudo, entregando-se às caçadas proibidas. A choupana que lhe servia de morada era construída de varas trançadas, recobertas de barro. O piso de terra e o teto de palha não ofereciam muito proteção contra a chuva e a neve.

As igrejas viviam cheias de mendigos, que exibiam suas misérias e deformidades. E ainda hoje nossa Casa de Oração são visitadas por irmãos que vêm à procura de auxílio tanto material quanto espiritual. Não voltemos as costas a eles. É certo que em muitas ocasiões não teremos recursos materiais suficientes para resolver o problema definitivamente, mas depositemos nossa gota da água

do amor nas chamas do sofrimento que ardem nos corações dessas criaturas, estimulando-os nas confianças em Deus e num futuro melhor. Se possível, doemos ou emprestemos a elas algum livro que traga esclarecimentos sobre as dificuldades que enfrentem. Tratemo-las, enfim, como membros da nossa família, pois temos o mesmo Pai.

Não deixemos que nenhum deles saia do Centro Espírita sem pelo menos uma palavra e um sorriso. Convidemo-los a voltar sempre. Façamos que eles se sintam entre amigos, ou melhor, entre irmãos.

Ajudemos sim, mas procurando promovê-los como seres humanos, mostrando que a necessidade é passageira e que mais adiante estarão em condições de também ajudar outras pessoas. Alertemo-los do mesmo modo de que não devem acomodar-se pedindo indefinidamente, mas sim que todos eles têm muitos a oferecer a todos nós através do seu trabalho e de suas experiências.

Além do recurso material, lancemos mão dos recursos que nunca podem faltar e que sempre temos à disposição: o amor e o esclarecimento. Com eles podemos transformar o modo de nossos companheiros de jornada enxergarem a vida e esse é o primeiro passo para que consigam modificá-la.

Outro ponto de destaque são os irmãos conhecidos como “papa-passes”. Eles chegam às Casas Espíritas quase todos os dias requisitando esta terapia muitas vezes desnecessariamente. O que fazer então? Esclareçamos aos frequentadores nas reuniões públicas sobre este assunto e se, mesmo assim, alguns deles ainda insistirem em receber este medicamento espiritual, administremo-lo com boa vontade, porque não devemos julgar as atitudes dos outros e sim realizar nosso trabalho da melhor forma possível. Sabemos ainda que na natureza nada se perde e com certeza essa energia será aproveitada de algum modo. Confiemos na providência Divina que cuida de tudo e de todos.

Lembremo-nos de que no grau evolutivo em que estamos, todos nós necessitamos em algum momento da caridade de alguém, seja material ou espiritual, e por isso, quando chegar a nossa vez de ofertá-las, sejamos pródigos como o Pai o é.

Capítulo XIV

Ao praticares, portanto, teu ato de caridade não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita, para que o teu ato caridoso fique em segredo, e teu Pai, que vê o que é secreto, te recompensará (Mateus, cap.6, v. v. 3 e 4).

Nos tempos medievais, caso o camponês contraísse uma doença contagiosa, como a lepra, era obrigado a abandonar tudo, juntando-se aos companheiros de sina. Reunidos em cortejo, passariam o resto da vida a percorrer as estradas agitando guizos que anunciavam a aproximação do triste desfile. Por isso, tenhamos muito cuidado na hora de atendermos aos irmãos que, no momento, estejam precisando de algum tipo de auxílio, para que não chamemos a atenção de todos para os problemas que estejam atravessando. Evitemos quaisquer situações que possam causar-lhes constrangimento, pois muitas vezes, sem perceber, podemos estar fazendo com que alguém se sinta humilhado durante o atendimento. Ajam sempre como quem presta um serviço e nunca como quem distribui migalhas a miseráveis. Deixemos bem claro para eles que se hoje estão pedindo, amanhã poderão estar doando e que aquele que dá agora, já pode ter passado pela mesma situação em encarnações precedentes. Somos todos benfeitores uns dos outros, porque a convivência nos estimula ao crescimento-mútuo, e é nossa obrigação minorar o sofrimento de todos que cruzarem o nosso caminho, pois só é possível amar a Deus verdadeiramente se amarmos a nós mesmos e aos nossos irmãos, já que fomos criados por Ele.

Espíritas, que a nossa discrição ao praticar a caridade seja a maior possível. Nunca usemos os sofrimentos alheios para nos promovermos diante dos irmãos de caminhada. Trabalhem em segredo, pois o que conta é a nossa consciência. Deus tudo vê e tudo sabe. Não precisamos alardear nossas boas ações aos quatro ventos, porque isto é vaidade. O bem só é verdadeiro quando não espera retribuição, nem de quem o recebe e nem de quem o presencia. Lembremo-nos sempre disso para que não percamos preciosas oportunidades de servir, construindo castelos de areia e endeusando a nós mesmos, já que isso nada contribuirá para a rápida implantação do Reino de Deus na Terra.

Auxiliemos de maneira que o beneficiado não se veja em situação inferior à nossa e nem se sinta em dívida de gratidão conosco. Façamos de forma que o donativo nunca tenha o gosto amargo da humilhação e sim o doce sabor da fraternidade. Que não ponhamos em suas mãos apenas as sobras do nosso lar e sim partilhemos nossos recursos tanto materiais quanto espirituais com eles. Que todos os alimentos que lhes entreguemos já estejam temperados com muitas e muitas pitadas da solidariedade que trazemos dentro de nós, pois só assim nossas tarefas assistenciais estarão atingindo o verdadeiro objetivo a que se propõem, porque nenhum empreendimento neste mundo e em qualquer outra parte do universo estará completo, enquanto não fizer parte dele a essência de Deus que é o amor.

Capítulo XV

***P**orque todo o que pede, recebe; e quem busca acha; e ao que bate se lhe abre (Mateus, cap. 7, v. 8).*

Sabemos que a ordem dos franciscanos muito realizou em nome do Cristo neste planeta e que chegou a congregar mais de duzentos mil missionários e seguidores de Francisco de Assis.

Em vez da tranquilidade e meditação dos claustros, eles preferiam a ação, reconhecendo que a melhor prece para Deus é o trabalho no bem, e a isso dedicaram todo o seu tempo de permanência na carne. E nós? Quanto tempo temos dedicado ao trabalho cristão? Sejamos tarefeiros do movimento espírita! Infelizmente, ainda estamos condicionados a trabalhar visando salário ou lucros materiais e precisamos conhecer a fonte perene de felicidade que o labor na seara do Mestre oferece. Não aleguemos falta de tempo ou de recursos, porque existem muitas atividades cristãs que não requerem dinheiro. E a questão do tempo só depende de nós, pois se formos analisar bem nosso dia-a-dia encontraremos muitas horas mal ocupadas, como aquelas em que assistimos a programas que nada de bom nos acrescentam, que comentamos a vida alheia e que será ótimo para nós deixarmos de fazer. Por que, então, não dedicarmos pelo menos uma hora por semana ao trabalho voluntário e construtivo? Muitos não sabem, mas

existem grande número de atividades do Centro Espírita que podemos até levar para realizarmos em casa mesmo, nos momentos que nos forem mais favoráveis, como: confeccionar as peças dos enxovais de bebê, lavar e reformar as roupas doadas para distribuições, fazer cartazes, encapar os livros da biblioteca, digitar documentos e cartas, analisar obras recém-editadas que poderão vir a ser adotadas ou não no Clube do Livro e tantas outras que poderemos descobrir na Casa de Oração mais próxima de nós.

Lembre-nos a toda hora de que viver, no real sentido da palavra, não é apenas sobreviver, e sim avançar constantemente, porque este é o nosso objetivo na terra. Não estamos aqui a passeio e sim para evoluir, que é o essencial. Não deixemos que os outros tenham que fazer o que nos compete e nunca nos esqueçamos de que o Pai e Jesus trabalham sem cessar (João, cap. 5 v. 17) e sigamo-lhes o exemplo.

Capítulo XVI

*T*udo aquilo que quereis que os homens vos façam, fazei-lhes também vós, porque esta é a lei e os profetas (Mateus, cap. 7, v. 12).

Os nobres medievais não trabalham, sendo sustentados pela atividade dos camponeses. Suas maneiras não eram de modo algum refinadas ou gentis. A gula era um vício comum, e a quantidade de vinho e cerveja consumida durante uma festa no castelo era enorme. Ao jantar, os nobres cortavam a carne com o punhal e comiam com as mãos. Os restos eram jogados no chão para os cães, sempre presentes. As mulheres eram tratadas com indiferença e até com desprezo e brutalidade. Nos séculos XII e XIII, o comportamento das classes aristocráticas foi consideravelmente suavizado pelo desenvolvimento da cavalaria, com seu código ético e social. Entretanto, ela introduziu apenas um refinamento exterior. As guerras constantes e a ferocidade dos combates faziam dos nobres feudais homens basicamente rudes.

Também nós, espíritistas, às vezes, podemos nos tornar indiferentes e até indelicados. Tenhamos isso em mente e estejamos sempre vigilantes. Não nos esqueçamos nunca daquelas palavras “mágicas” que são chaves importantíssimas dos corações que nos rodeiam: “Muito obrigado(a),” “Por favor”, “Com licença”,

“Desculpe-me”, “Seja bem-vindo(a)” e tantas outras que nos podem abrir as portas de ótimas relações com os irmãos que convivemos. Apesar disso, parecer-nos à primeira vista elementar e, portanto, desnecessário de ser lembrado, inúmeras vezes já nos esquecemos dessas simples lições de boas maneiras e criamos problemas que poderiam facilmente ter sido evitados.

A regra áurea é colocarmo-nos na posição de que nos ouve ou é atendido por nós e pensarmos: “se alguém fizesse isto comigo, eu me sentiria bem?” caso a resposta seja negativa, abandonemos imediatamente a forma errônea de agir e retifiquemos nosso comportamento, pois não fazer aos outros o que não gostamos que façam conosco é a melhor maneira de acertar em nossas relações interpessoais.

Quando quisermos medir como anda o nosso desempenho cristão, usemos este recurso que é o termômetro infalível da intensidade de amor que já desenvolvemos em nós.

Por outro lado, que a nossa cortesia não seja apenas um verniz superficial, mas sim a exteriorização dos sentimentos nobres que estaremos cultivando no jardim das nossas almas. Lembremo-nos de que é impossível evoluir valorizando apenas as aparências e que se assim o fizermos, mais cedo ou mais tarde, estaremos de mãos vazias procurando os frutos do progresso que não realizamos, embora todos os nossos companheiros acreditem que muitos evoluímos.

É claro que há dias da vida que são povoados de provas ou expiações dos nossos erros, mas tentemos com todas as nossas forças superá-los sem nos tornarmos amargos ou rudes. Sejamos afáveis como o Cristo, nosso Mestre maior, nos ensinou naqueles lances mais difíceis de Sua missão na Terra e, com certeza, a nossa presença será o bálsamo que muitos poderão estar precisando.

Capítulo XVII

***P**recatai-vos dos falsos profetas, os quais vêm até vós disfarçados em ovelhas, mas interiormente são lobos devastadores (Mateus, cap. 7, v. 15).*

Irmãos, como vários espíritos na Idade Média falharam em sua missão de trabalhar em nome do Senhor Jesus, os mentores do Alto nos alertam que hoje também existem, infelizmente, mais perto de nós do que possamos imaginar, companheiros nas mesmas condições. São eles os clérigos dos tempos medievais que retornam ao plano físico tentando reparar os muitos e graves erros cometidos. Nós mesmos podemos ser um deles! Por isso abramos nossos olhos! Apesar de terem boas intenções, ainda estão muito arraigados ao passado e, na maioria dos casos inconscientemente, tomam atitudes que não estão de acordo com o Espiritismo nos esclarece. Muitas vezes eles se dizem embaçados na Doutrina, mas, na verdade, encontram-se ainda presos aos enganos de séculos atrás.

De maneira geral, eles se destacam bastante dentro do movimento doutrinário pelo verbo fluente, desenvolvido desde os tempos de sacerdócio católico e em consequência disso, logo, logo, passam a fazer parte das diretorias das Casa Espíritas, decidindo assim os rumos dos nossos trabalhos. Estejamos

prevenidos para essas situações e apesar do grande amor que devemos dedicar-lhes para que despertem, não permitamos que os rumos traçados pelo Mestre sejam alterados. Sem contendas e mal-estares recoloquemos o comboio de nossas atividades nos devidos trilhos para mais à frente não descobriremos que fomos coniventes com os desvios que talvez já estejam cristalizados no modo de agir, tanto dos trabalhadores atuais como daqueles que vierem seguindo nossos passos.

Vamos assumir de uma vez por todas a responsabilidade que temos na construção do reino de amor na Terra e não nos dediquemos apenas a construir, mas também a não deixar que se destrua o que já tiver sido feito.

Capítulo XVIII

Desse modo, toda árvore boa produz bons frutos, mas a árvore ruim produz frutos maus (*Mateus, cap.7, v.17*).
Assim, pelos seus frutos os conhecereis (*Mateus, cap.7, v.20*).
Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor! Entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus (*Mateus, cap. 7, v. 21*).

Na época medieval, cada ordem ou dignidade, cada grau ou profissão distinguia-se pelos trajes. Assim também o clero. Seus membros foram passando da primitiva vida contemplativa e de rígidos costumes para uma posição semelhante à da nobreza.

Um som se erguia sempre acima dos ruídos da vida ativa: o ressoar dos sinos. Em certas ocasiões, como a conclusão de um tratado, a eleição do papa etc., o dobrar dos sinos era ouvido durante o dia inteiro, e mesmo à noite. As procissões onde havia sempre grande número de crianças eram frequentes. Muitas vezes duravam dias e semanas ininterruptamente. Em 1412, organizou-se em Paris uma procissão integrada por diferentes ordens e corporações, que perdurou desde maio até julho, a implorar pela vitória do rei, que havia partido para a guerra. Todos marchavam descalços, e a maioria em jejum.

Atualmente, também nós somos distinguidos pela crença, pela profissão, pela classe social e por muitas outras formas. Podemos igualmente dar grandes

demonstrações exteriores de fé e prestar grandes homenagens a Deus e a Jesus, mas o que realmente dará conta de nós perante Nosso Pai Eterno serão os frutos que produzirmos, isto é, as nossas obras, que podem ser boas ou ruins, dependendo do caminho que escolhermos.

De nada nos adiantarão as calorosas declarações de fidelidade ao Mestre se não sairmos das palavras, porque Jesus quer cooperadores e não bajuladores.

Analisemos tudo o que temos feito com sinceridade, da maneira mais imparcial possível e descobriremos que tipo de árvore temos sido até agora. E se no momento formos árvores que produzem frutos maus, imediatamente busquemos no Evangelho os ensinamentos e o consolo que transformarão nossas imperfeições na seiva bendita do amor que nos renovará por dentro e modificará nosso modo de encarar a vida e de agir, bastando apenas que queiramos de verdade.

Jamais esperemos colher flores onde plantarmos espinhos e não esperemos ser preciso que o sofrimento nos alcance para aprendermos a estender as mãos solidárias àqueles que precisarem de nós, porque é muito mais agradável evoluir através do amor que da nossa velha amiga dor.

Capítulo XIX

O discípulo não é maior que o mestre; mas uma vez que aprenda com perfeição, qualquer um será para sempre igual a seu mestre (Lucas, cap.6, v.40).

Já constatamos que na Idade Média muito se falou do Cristo e muitas coisas foram feitas em Seu nome. Muitas destas boas e proveitosas, mas também houve inúmeros enganos e desvios de espíritos que voltaram à carne com importantes tarefas a serem realizadas. E, com certeza, cada um de nós que hoje estamos reencarnados, temos uma ou muitas tarefas a cumprir em nome do Salvador. Encargos que nos foram propostos e aceitos por nós de todo o coração. Por que, então, deixar de realizá-los?

Temos consciência de que estamos a uma distância evolutiva imensa do Mestre, mas Ele nunca nos tem longe de Seu coração amantíssimo. Não imaginemos, que Jesus seja um espírito inatingível que não tenha tempo para ouvir-nos os rogos. Não! Jesus é presente, porque o verdadeiro mestre acompanha seus discípulos passo a passo, vibrando a cada vitória coletiva ou individual, incentivando-os a cada obstáculo. Jesus é o irmão de luta que não só ampara, mas também nos ensina a andar com os próprios pernas. É o amigo que nos ama, apesar das imperfeições que ainda carregamos e do desamor por Ele

que muitas vezes já demonstramos. Há tempos e tempos Ele vem pacientemente conduzindo-nos com o carinho que Lhe é peculiar ao caminho certo. Teimamos inúmeras vezes em sair da Sua trilha de luz e Ele novamente, com Suas mãos compassivas, recoloca-nos na marcha redentora, só e exclusivamente visando a nossa felicidade, porque esta é a Sua felicidade.

Irmãos, agradeçamos a Deus dia após dia a benção de termos um mestre tão dedicado. Agradeçamos ao Messias tudo que tem feito por nós, através do trabalho na seara cristã. Lembremo-nos sempre de que o Cristo nos acompanha em pensamento, que Ele nos ouve, que está sempre junto de nós, tanto nos momentos alegres quanto naqueles mais difíceis e que apenas os Seus ensinamentos devemos seguir, sem nos iludirmos com nenhuma outra doutrina que não venha de Seu zeloso coração.

Um dia, quando tivermos aprendido Suas lições completamente, teremos atingido a tão sonhada perfeição, mas certamente, nunca nos esqueceremos Daquele que por séculos e séculos vem lutando conosco pelo crescimento espiritual dos homens: o Nosso Mestre e Senhor Jesus.

Capítulo XX

*T*odo aquele, pois que escuta estas minhas palavras, e as pratica, será comparado a um homem sensato, que construiu sua casa sobre a rocha. E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e caíram sobre aquela casa, entretanto ela não ruiu, porque estava alicerçada sobre rocha. Mas, todo aquele que escuta estas minhas palavras, e não as pratica, será comparado a um homem estulto que construiu sua casa sobre areia. E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e feriram aquela casa, e ela ruiu, e foi grande a sua ruína (Mateus, cap.7, v. v. 24 a 27).

Queridos confrades, construamos o nosso movimento doutrinário sobre a rocha do Evangelho para que ele jamais fique em ruínas, porque se isso acontecer algum dia, certamente responderemos pelos nossos atos, pois somos avisados constantemente da nossa responsabilidade perante Deus, o Cristo, nossos irmãos e nossa consciência. É verdade que, apesar de tantos esclarecimentos que encontramos na Codificação, sentimos, às vezes, necessidade de pedir aos Mentores Espirituais roteiros de trabalho. Transcrevemos aqui uma mensagem que pela primeira vez vem a público, recebida por um grupo espírita que na ânsia de servir, solicitou-a aos Amigos da Espiritualidade:

“Caríssimos irmãos.

Venho, a pedido, responder perguntas que antes não foi dado fazê-lo.

Quanto às novas atividades do grupo:

É preciso deixar claro que um grupo não é grande quando é reconhecido e aplaudido pelos homens, que em sua maioria, mais valorizam o material que o espiritual. Mas, e sobretudo, quando preocupado com a submissão à vontade de Jesus, quase que nos anonimato, gera benefícios incontáveis para os sofredores que lhe recorrem. E mais, por sofredores queremos definir os espíritos encarnados e desencarnados que no menor prazo possível encontram, quando não solução, pelo menos alívio às suas dores.

Quando dissemos ao grupo - Trabalhe! não o fazemos com propósito de imaginar que reuniões diferentes e extraordinárias surjam, mas que a qualquer hora do dia ou da noite que o Cristo Nosso Mestre e Senhor nos solicitar os préstimos para socorrer o próximo, que o façamos sem pestanejar, na certeza de que Ele nos vê, ainda que os demais não o façam.

Quando pedimos atenção para que sejam grandes, queremos clarear que grande é aquele que consegue colocar-se no mesmo plano de seus semelhantes, sem orgulho, sem pretensões, sem necessidade de aparecer, sem outro intuito que não o de minimizar o sofrimento alheio como mero instrumento de amor de Jesus.

Em nenhum momento estamos propondo novidade, falamos de amor e o amor é tão antigo quanto Deus e nem assim, nós, os espíritos em sua maioria bastante antigos, nos abrimos a ele como Jesus nos orienta:

AMAR a Deus sobre todas as coisas e AMAR ao próximo como a si mesmo.

Muito trabalho aguarda aquele que deseja servir, pois o padecer da humanidade é crescente, e os espíritos dispostos à implantação do Reino de Deus na Terra, em sua maioria põem-se em primeiro lugar, deixando desta forma, os valorosos frutos espirituais, que são eternos, relegados quase que sempre em plano inferior, bem inferior ao material que perecível, logo, passageiro, deixaremos em maior ou menor tempo com o corpo, quando este não mais tiver utilidade para nós, espíritos.

Amigos. Caríssimos amigos.

Quando solicitamos trabalho, fazemo-lo em questão de qualidade de afeto dispensado entre vocês, entre vocês e nós, entre nós, vocês e os demais.

Que o grupo cresça, mas que cresça em qualidade de sentimentos nobres, sem preconceitos, sem vantagens pessoais, senão aquelas que o trabalho digno e oculto oferece do coração e a consciência que com responsabilidade desempenhou nas tarefas cumpridas.

Atentos amigos.

Contamos com vocês. Mas, com amor, com respeito, com senso de responsabilidade cristalizado sobre a lógica e o raciocínio sensato.

Deus nos abençoe nesta empreitada que somente depende de nós, crescer, florescer, e dar frutos, de preferência sem nenhum apodrecido pelo descaso com o tempo e com a oportunidade.

Um amigo.

Obs.: Grupo que se preza analisa as mensagens, sem aceitá-las ou rejeitá-las sem fundamentos”.

Bem, espíritas, aí temos um claríssimo roteiro de trabalho que mais uma vez o Mestre nos envia. Usemo-lo sem delongas! Unamo-nos em torno deste objetivo comum de fazer o bem. O mundo só depende de NÓS para ser como sonhamos. NÓS o habitamos, NÓS fizemos dele o que é hoje e NÓS faremos dele o que deve ser. Que NÓS sejamos, hora a hora, não apenas companheiros de ideal, mas também irmãos de coração para o que der e vier.

Mas, tenhamos cuidado para jamais dificultarmos o labor bendito, tornando-nos os nós dos belos fios luzentes da fraternidade com os quais verdadeiros cristãos vêm tecendo há muitos e muitos anos o grande manto de amor que envolverá a Terra, refletindo toda a grandeza Daquele que nos criou.

BIBLIOGRAFIA

ARGOLLO, Djalma Motta. **O Sermão do Monte**. 2ª ed. São Paulo, Mnêmio Túlio, 1997.

CARMO, Sonia Trene do. **História Passado Presente: Antiga e Medieval**. 2ª ed. São Paulo, Atual Editora, 1994.

CARVALHO, Delgado de. **História Geral: Volume II- Idade Média**. 3ª ed. Record.

EMMANUEL (espírito); XAVIER, Francisco Cândido. **A Caminho da Luz**. 25ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 2000.

KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. 17ª ed. São Paulo, LaKe.

KUHL, Eurípedes. **Fragmentos da História Pela Ótica Espírita**. São Paulo, Petit.

MARTINS. **História**. 5ª edição atualizada. São Paulo, FTD.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Allan Kardec (O Druida Reencarnado)**. 2ª ed. São Paulo, eldorado IEME, 1996.

Novo Conhecer. São Paulo, Abril S/A Cultural e Industrial, 1977, v.8, p. 2065 a 2067.

OLIVEIRA, Armando Fernandes de. **3ª Revelação**. 2ª ed., São Paulo, EME, 1997.